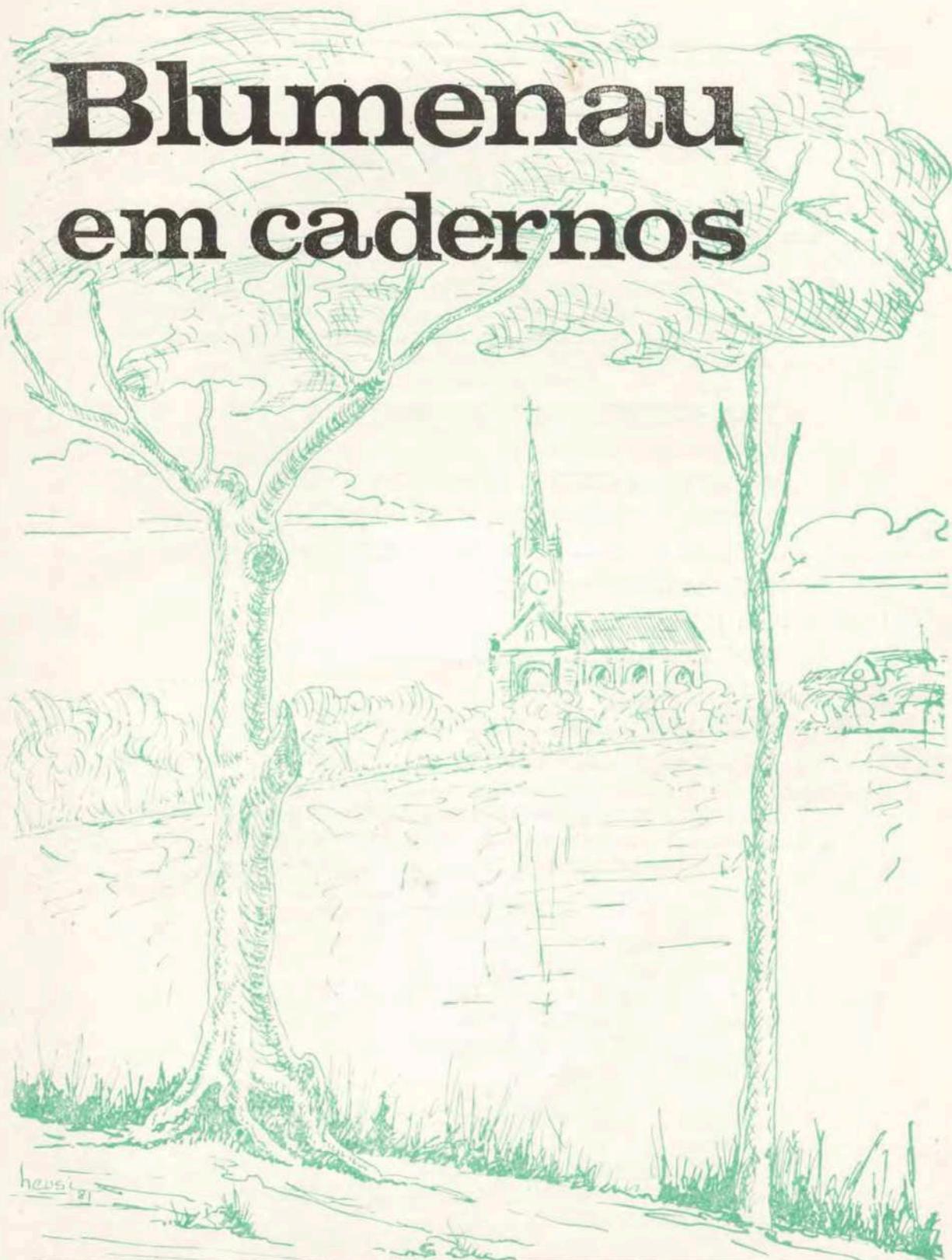


Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII/10

Outubro de 1987

Edição 370

ILUSTRAÇÃO
RUBENS
HEUSI - 81

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.
COMPANHIA HERING
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.
SUL FABRIL S/A.
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE
LOJAS HERING
COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

CASA WILLY SIEVERT S.A. Comercial
TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.
GRÁFICA 43 S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
MOELLMANN COMERCIAL S.A.
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.
BUSCHLE & LEPPER S.A.
CIA. COMERCIAL SCHRADER
JOÃO FELIX HAUER
MADEIREIRA ODEBRECHT
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS
MÓVEIS ROSSMARK S.A.
ARTUR FOUQUET
JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
PAUL FRITZ KUEHNRIK
CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVIII/10

Outubro de 1987

Edição 370

SUMÁRIO

Página

FIGURAS DO PRESENTE — Ross Parkinson — J. Gonçalves ..	298
Inauguração do Blumenau Biergarten	299
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff ...	303
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	304
80 anos da Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau — Frederico Kilian	306
A Colônia particular Blumenau de 1850 a 1860	310
Aconteceu... — Setembro de 1987	315
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo — Maria Batista Nercolini	318
Antigas tradições de festas de casamento — Pe Antônio F. Bohn	323
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	325
O perfil do pesquisador do Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" — Sueli M. V. Petry	327

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 70,00 + 30,00 (porte) = 100,00
Número avulso Cz\$ 10,00 — Atrasado Cz\$ 20,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — SANTA CATARINA — B R A S I L

ROSS PARKINSON

Uma das figuras mais proeminentes e acolhedoras que Blumenau hospedou na presente década, foi, sem dúvida a de Ross Parkinson.

Trata-se do até há pouco diretor-presidente da Albany International do Brasil e que aqui em Blumenau manteve seu parque industrial durante vários anos.

Não vamos nos ater em torno do que representou, para Blumenau, enquanto esteve operando no município, a Albany, que, após as calamitosas enchentes que sofreu em 1983/84, decidiu transferir-se para Indaial, completamente livre de outras possíveis enchentes.

O que nos leva a ocupar este espaço de hoje em "Blumenau em Cadernos", é tão somente a figura de Ross Parkinson, seu diretor-presidente por vários anos, sua obra, seu relacionamento com a sociedade blumenauense, seu espírito altruístico e as atenções que sempre deu, com a participação de sua empresa, às boas causas ligadas à comunidade blumenauense.

Escolas, hospitais, instituições de ensino de primeiro, segundo grau e superiores, instituições culturais e outras atividades que desenvolvem ações em favor da comunidade, sempre tiveram, de Ross Parkinson, atenções especiais. À medida que os recursos da empresa possibilitavam dentro das reservas que antecipadamente eram a tais ações destinadas, procurava dar equitativa atenção e assistência.

Ross Parkinson procurava inteirar-se de tudo. Vivia o dia-a-dia da vida comunitária, integrando-se e também à sua empresa, aos problemas da cidade e ajudando na busca de soluções.

Para a Fundação "Casa Dr. Blumenau", Ross Parkinson e a organização industrial que dirigia, foram de uma importância fundamental nos trabalhos que encetamos a partir de 1985, buscando a construção de uma casa que abrigasse, livre das ameaças de enchentes, os acervos do Arquivo Histórico e da Biblioteca.

Tomando conhecimento do projeto, Ross Parkinson buscou, junto à direção superior da organização mundial, a autorização para investir neste setor da cultura e da história de Blumenau, para aqui deixar perenemente a marca da passagem da Albany por este município. E assim aconteceu. Foi graças ao grande apoio da Albany, aliado ao apoio das demais empresas blumenauenses e particulares que investiram no nosso projeto, que hoje conta a Fundação "Casa Dr. Blumenau" com este importante patrimônio que abriga os referidos acervos.

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos de mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis de mais alta qualidade.

Ross Parkinson deixou Blumenau e seus amigos para ocupar altas funções na administração geral mundial da Albany, em Nova York.

Aqui ficaram sinceros amigos que muito o estimam e cuja lembrança de sua atividade aqui desenvolvida, jamais será esquecida. Ele levou consigo a imensa gratidão de numerosos segmentos das comunidades blumenauense e indaialense. Uma gratidão de estima e respeito que alicerçará, na sua figura, o prestígio e conceito de que desfrutará sempre, a sigla "Albany", em Santa Catarina.

Dados biográficos e profissionais

Ross Allan Parkinson nasceu a 16 de abril de 1936, na cidade de Hamilton, no Canadá. Naturalizou-se norte-americano em 4 de abril de 1945. Coursou o primário na Worcester Academy, em Massachusetts. Concluiu os cursos ginásial e superior no Cornell University, em Ithaca, Nova York. Sua carreira profissional desenvolveu-se da seguinte forma: Em 1.º de novembro de 1979, iniciou-se na Albany Felt Division, como consultor técnico na área de Produção. Em 1.º de maio de 1980, foi transferido para a Albany do Brasil, com a função de gerente de produção. Em 13 de novembro de 1982, foi nomeado diretor geral da empresa. Estas funções ele exerceu aqui em Blumenau até 1.º de junho de 1987, quando foi nomeado Vice-Presidente das Operações da Albany International no Norte dos Estados Unidos, cujas funções assumiu há pouco, depois de deixar a filial de Indaial perfeitamente em ordem com a nova administração por ele instalada.

Ao fazermos estes registros, estamos cumprindo, com imenso prazer, uma obrigação e um dever de gratidão a esta figura que marcou sua presença entre nós.

O nome da empresa que tão sabiamente dirigiu em nossa cidade, fica perenemente gravado na lápide que se encontra em frente ao prédio que abriga nossa biblioteca e nosso arquivo histórico. Este nome gravado, de Albany International, estará, por sua vez, a lembrarmos sempre, com apreço e admiração a figura cortês e simpática de Ross Allan Parkinson.

José Gonçalves

INAUGURAÇÃO DO BLUMENAU BIERGARTEN

**As inspiradas e entusiásticas palavras pronunciadas pelo
prefeito Dalto dos Reis, perante grande público.
É o renascimento de uma obra que já existiu**

"SAUDAÇÕES PROTOCOLARES:

Quero iniciar afirmando que com a inauguração das instalações do Blumenau Biergarten — o Jardim da Cerveja — a cidade de Blumenau resgata hoje mais

um compromisso com o seu passado e a sua história.

Embora com a incompreensão de uns poucos, Blumenau, hoje e durante os seus 137 anos de existência, tem guardado e mantido sempre bem vivos os hábitos

e costumes herdados dos seus fundadores que vieram da Velha Europa.

Por isso Senhores, como Prefeito desta terra, sinto-me orgulhoso e satisfeito por tudo aquilo que a minha administração pôde fazer pelo seu progresso e desenvolvimento, sem ferir e sem modificar as suas características de cidade européia, fato que lhe confere destaque e projeção nacional, notadamente no setor turístico.

Não somos, é verdade, os primeiros nem os únicos a assim proceder, porém não se pode negar o esforço nem o empenho da atual administração para que Blumenau não sucumbisse e nem perdesse as suas características, depois das catastróficas enchentes que nos assolaram em 1983 e 1984.

Muitas obras conhecidas dos Senhores, neste particular, poderiam aqui ser mencionadas, mas os lembro tão somente da iniciativa tomada em 1984, tornando obrigatório o ensino da língua alemã nas escolas municipais de Blumenau, bem como da, já nacionalmente e além fronteiras pátria conhecida, oktoberfest, cuja quarta edição está prestes a se iniciar.

Foi também assim pensando que em nenhum momento medi esforços para recuperar o Parque de exposições da PROEB, quase totalmente destruído e ampliá-lo, construindo nos últimos três anos um total de 14.000 metros quadrados numa proporção de 3 metros quadrados para cada um lá existente e que tenho certeza, hoje não mais representa somente um novo cartão postal de Blumenau, mas sobretudo um motivo de orgulho para cada blumenauense.

Desta metragem citada, somente 8.500 metros quadrados representam o andar térreo do centro de convenções que se hoje estivesse concluído em seus mais 6.000 metros quadrados, seria o maior centro de convenções, não apenas do Brasil mas da América do Sul com capacidade para mais de 5.000 pessoas sentadas.

A nível estadual, nos últimos três anos, somos a cidade de maior progresso de Santa Catarina, figurando em consequência deste fato entre os 25 municípios brasileiros de maior índice de desenvolvimento.

Tenho consciência plena do que Blumenau representa hoje no contexto nacional e particularmente no setor turístico, a julgar até pelos importantes troféus e honrosos títulos conferidos à cidade por entidades públicas e privadas de um Brasil inteiro.

Paralelamente a este enfoque, a inauguração do Blumenau Biergarten vem também suprir uma das nossas carências maiores — que a ausência de áreas de lazer e que, especialmente, servirá por primeiro para o encontro e confraternização da família blumenauense.

Em qualquer cidade da Alemanha que muitos dos Senhores aqui presentes conhecem, a existência de um jardim da cerveja é algo quase obrigatório.

Por isso reitero que, ao entregar à comunidade blumenauense esta obra — uma nova opção de lazer — e em nome também da nossa tradicional hospitalidade blumenauense, neste momento, confesso aos Senhores a convicção de estar fazendo o melhor para Blumenau: sempre em consonância com a sua vocação e a sua tradição.

É aos que por maldade ou até por sentimento menor retardaram a entrega desta obra, criando polêmicas e embargando na justiça, transmitindo desinformação de toda ordem e até históricas, cabe-me — neste momento — dizer que, com as transformações aqui produzidas, esta praça retorna à sua verdadeira origem, voltando a ser o jardim da cerveja que já foi no passado.

Há exatamente 87 anos já serviu de palco de encontro e de confraternização dos moradores da antiga colônia. Inaugurada em 1900, três anos após era enriquecida com a inauguração do monumento ao Dr. Blumenau. No domingo de Páscoa do mês de março de 1904, era também inaugurado neste local o jardim público, conforme registram os jornais da época.

Mas foi a partir de 1919 que este local ganhou contornos mais consistentes como principal logradouro público para divertimento dos habitantes da época.

Sobre o que representou para Blumenau e sua gente durante um longo período de sua história, esta praça Hercílio Luz, basta ler, importante relato da senhora Erica Pantzier, filha de Mathias G. Fabian, oriundo da Alemanha e que por 20 anos foi o responsável pelo botequim, então instalado no coreto público aqui existente.

O relato da Senhora Erica Pantzier, está contido nas páginas da edição n.º 364, da revista Blumenau em Cadernos.

Esse relato da Senhora Erica Pantzier, confere razão e respaldo a todos quanto se alinharam na defesa da obra, tornando-se também verdadeiro libelo contra aqueles que se antepuseram e ten-

taram impedir com notícias deformadas, a construção deste Biergarten.

Ao tomar a iniciativa do empreendimento outra coisa não fiz senão repetir os atos dos antigos Prefeitos Paulo Zimmermann e Curt Hering, em 1919 e 1929, conforme relata a história.

Senhores!

Não poderia encerrar sem antes dizer do meu profundo agradecimento às pessoas todas que se manifestaram de todas as formas, quer através de abaixo-assinados, quer através da imprensa escrita, falada e televisada ou ainda de qualquer outro meio, favoravelmente à liberação da obra e cujos depoimentos figuram hoje como fato histórico em nossos arquivos e no próprio fórum da Comarca de Blumenau.

Fazer justiça e também agradecer ao Poder Judiciário pela sensibilidade na liberação da obra, pleiteada pela administração pública e avaliada pela comunidade, através dos depoimentos que nos chegaram às Mãos em quantidade expressiva.

Cumprimentar e agradecer a todos os Clubes de Caça e Tiro — aos seus presidentes, Diretores e Associados — Beneficiários da obra, pois terão participação no lucro da comercialização dos produtos aqui realizada, pelo embaçamento na luta pró-liberação do Biergarten.

Agradecer à Câmara de Vereadores de Blumenau — ao seu Presidente Marcio Cani e demais senhores Vereadores — pela legalização de todos os atos de permissão de uso deste espaço público.

Agradecer à todas as firmas contratadas para a execução das diversas etapas da obra seus pro-

prietários, funcionários e operários — não apenas pelo trabalho profissional, mas sobretudo pela compreensão, pela dedicação, pelas horas trabalhadas diuturnamente, para que tudo fosse vencido dentro da data aprazada e para que hoje aqui pudéssemos viver este momento.

Ao Senhor Waldemar Hostert vencedor da concorrência pública para exploração do Blumenau Biergarten — o nosso cumprimento, na oportunidade que reiteramos de público a confiança e a certeza que a partir deste instante passa a zelar pelo patrimônio aqui instalado tornando-o sempre mais aprazível para toda e qualquer pessoa e principalmente para a família blumenauense.

Permitam-me Senhores um agradecimento particular a todos os Senhores Secretários municipais extensivo a todos os servidores públicos, pelo empenho, cada qual em setores diferentes, no cumprimento de tarefas inerentes a esta obra.

Que a velha canção de ontem, aqui certamente por muitas vezes lembrada, seja hoje e sempre mais vezes repetida: "Lasset die Sorgen zu haus". E que o lema a partir deste momento também seja a letra da conhecida canção "Im himmel gib's kein Bier".

Convido para brindarmos todos aqui na terra e a partir deste momento no Blumenau Biergarten — PROSIT e

Muito obrigado.

Noite de Arte foi sucesso

Promovida pela Associação de Cegos do Vale do Itajaí e com o apoio das Lojas Maçônicas de Blumenau, lideradas pela Loja Obreiros de Salomão n.º 39, realizou-se, dia 23 de setembro último, uma NOITE DE ARTE, que teve como atrações principais a figura inigualável do talentoso pianista Angelin Loro, de Porto Alegre, e seu filho Rafael Loro, de 11 anos, ao violino. Além deste, destacou-se a palestra de Frei Anselmo, também deficiente visual, a exemplo de Angelin Loro.

O espetáculo proporcionado ao público numeroso que compareceu ao Teatro Carlos Gomes, foi sucesso absoluto, tanto no nível artístico quanto no comparecimento de público.

Houve, ainda, o apoio do coral Camerata Vocale, que ocupou com sucesso espaço na primeira parte do programa.

A arrecadação financeira do espetáculo, foi o ponto de partida da Associação em direção à construção de sua sede para instalar, mais tarde, uma escola de alfabetização pelo método Braille, para cegos, assim como a própria habilitação do cego no ensino profissional.

VOCE SABIA?

— QUE a primeira agência bancária instalada em Rio do Teso, quando distrito de Blumenau, hoje Pomerode, aconteceu no dia 29 de novembro de 1943 e denominava-se Banco Popular e Agrícola do Vale do Itajaí?

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos da carta publicada a 12 de maio de 1866 no "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), referente aos voluntários da Guerra do Paraguai.

A bordo do Araguari, 19 de março de 1866. — A guerra corre mais lenta do que pensávamos. Até agora não houve nenhum perigo para nós. No dia 17 seguimos à frente, ao todo 16 navios de guerra e no dia 18 o navio "Almirante" seguiu acompanhado dos navios de transporte. As tropas de terra agora estão na mesma altura dos nossos navios e prontas para o ataque. Diariamente vemos o inimigo, até mesmo a todas as horas. O ataque deverá se realizar, e uma vez feito o começo, chegaremos ao fim. Quem sabe, ainda atacaremos hoje, os preparativos o indicam e todos nós estamos bem animados. Neste instante veio a ordem de avançar, até que enfim!

(Uma hora mais tarde). A ordem de ataque foi retirada e vemos nos reunir à terceira Divisão.

22 de março, 6 horas da manhã. — Aproveito a ocasião para continuar o meu relato. De fato, subimos o rio, uma divisão da frota, composta de 5 navios, fundeou na foz do Paraguai e a outra, a maior, subiu o Paraná, em direção a Passo da Pátria. Nós fazemos parte dessa última divisão, e quando esta, mais ou menos a uma légua de distância da primeira, lançou âncoras no Paraná, o comandante do Araguari recebeu instruções no sentido de se desligar da divisão da frota, em companhia do encouraçado Tamandaré e do navio hélice Henrique Martins e seguir rio acima a fim de proceder a medição do nível das águas do rio, até as fortificações do Passo da Pátria. Para este fim ainda subiram a bordo vários oficiais com instrução especializada, entre estes um suco e um polonês, o último a serviço das Repúblicas. O encargo era nonroso e conforme nossos desejos. Nossa esperança não nos traiu. Pela primeira vez entramos na linha de fogo. Quando, em constantes observações e medições, tínhamos trabalhado durante cerca de uma hora, vimos, à esquerda, um pequeno navio inimigo e, logo adiante, uma bateria inimiga, chamada "Itupiru", a qual, segundo pude observar, estava equipada com 7 canhões. O navio pequeno retirou-se sob a proteção desta bateria, mas ao mesmo tempo apareceu um segundo navio inimigo. Nossa ordem não era a de procurar o inimigo e atacá-lo, mas somente fazer as medições. Também o inimigo parecia surpreso, pois deixou passar o "Henrique Martins" e o encouraçado "Tamandaré", sem molestá-los. Mas, quando nós chegamos à altura da bateria, formou-se uma nuvem branca e pouco depois, ouvimos um tiro. Depois outro e ainda um terceiro, mas nenhum dos três projéteis alcançou o nosso navio. Notando isso o inimigo cessou o fogo, e nós continuamos o nosso caminho sem revidar ao ataque.

Mais acima, vimos novamente os navios inimigos e ao mesmo tempo muitos barcos, mas que se mantinham junto à margem inimiga.

Continuamos a nossa viagem, mas tivemos outra aventura. Encalhamos num banco de areia e passamos o resto do dia e a noite, trabalhando para nos safar. O dia estava terrivelmente quente e a noite exaustiva, porque a tripulação viu-se obrigada a ficar de guarda ou trabalhar com as bombas, pois o Araguari estava com um rombo e em consequência o trabalho das bombas tinha de ser ininterrupto...

Seguimos rio abaixo. Nossa missão estava cumprida e o resultado satisfatório. O braço leste do Paraná oferece profundidade suficiente para os navios e a passagem sobre os mesmos não será difícil para as tropas e uma vez alcançada a ilha, a tomada do Passo da Pátria será a consequência. Escrevo as últimas palavras, sobre um cano de canhão, e ao meu redor a tripulação trabalha na remoção da água. Voltamos para a Divisão. No trajeto sofremos intenso fogo de artilharia. Nosso Araguari precisará de conserto e seremos transferidos para o navio Almirante Apa.

Lembranças dos queridos de nossa terra — H.

— — — — —
A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

A HISTÓRIA DE BLUMENAU NA CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES

Carta de Julius Baumgarten à sua irmã Marie

Lichtenburg, 14 de dezembro de 1851.

Minha querida Marie!

Nas outras cartas já lhe falei sobre a alegria que suas cartas me proporcionam. Agora precisas desculpar-me mas não vou repetir tudo novamente. As muitas novidades que escreveu, interessam-me muito. Fiquei muito contente com as muitas viagens que vocês fizeram. Lamento apenas dizer que a minha viagem não pode ser considerada tão interessante, pois na maioria das vezes tive que dividi-la com pessoas mal humoradas e insatisfeitas. Agora, no entanto, minha vida vai com certeza continuar interessan-

te. Ainda vão passar muitos anos até eu me acostumar totalmente com a vida daqui como também a generosa natureza e ao clima ameno. Agora, em resposta às suas perguntas: Perguntas se não tenho ainda um grande desejo. Sim minha querida, alguns, e cujas realizações estão em suas mãos. Sei que você vai rir, pois vocês mulheres logo acham graça de tudo, mas aqui vai o relatório.

Em primeiro lugar queria encontrar uma boa trabalhadora, culta, não muito feia para esposa. Uma querida companheira que esteja disposta a dividir comigo a solidão da floresta e que me rece-

ba à noite, ao chegar cansado em casa, com carinho e um sorriso nos lábios. Uma esposa que talvez possa substituir todo o carinho que vocês me dedicam. Sei que isto é quase impossível, mas fica o sonho. Meu segundo sonho ainda está bem mais distante: é o de rever a todos vocês mais uma vez. Vejo, no entanto, que é totalmente impossível, pelo menos por enquanto. Vejam bem: se eu trabalhar 3, 4 ou 5 anos e gasto tudo o que economizei numa viagem, para depois começar tudo de novo, não me seduz. Isto acontece com todos que estão aqui. Muitos dos que estão aqui dificilmente terão a oportunidade de rever seus queridos novamente. Mas passemos por cima das tristezas. Mesmo Gaertner não voltará. As despesas são muito elevadas.

A descrição sobre minha casa você já recebeu, pouca coisa foi modificada até agora. Com quem cuida da ordem doméstica é uma empregada e não minha própria esposa, vocês também sabem. Agora felizmente tudo vai bem melhor. De suas receitas ainda não aproveitei nenhuma. Além de panqueca nada mais fiz, pois aqui nada mais existe do que feijão, carne seca e farinha de mandioca. Devo, no entanto, frisar que meu estoque doméstico aumentou em 2 galinhas e um galo. Gostaria de comprar mais algumas galinhas mas são muito caras e preciso esperar um pouco. Quando Nahrwold chegar, pretendo sacrificar algumas moedas para comprar galinhas, marrecos,

para novamente poder obter alguns ovos. Com isto você vê que com a vinda de Nahrwold, minha vida vai sofrer uma mudança.

Além de São Francisco ainda não vi outra cidade e esta não difere muito das outras, a não ser a linda baía. A vista do porto é maravilhosa, principalmente porque as casas de material são pintadas de branco. Quando porém examinadas de perto vemos seu péssimo interior. As ruas são mal calçadas, onde aparece o mato, galinhas, marrecos, cachorros e cavalos andam soltos. Também se vê burros pretos e brancos transitarem livremente. As pedras pontudas ferem sapatos e pés, os buracos nas ruas são perigosos e é preciso o cuidado das pessoas.

Em São Francisco moram poucos alemães. Foi este o motivo de nossa monotonia no primeiro dia. Por todas as janelas e buracos se vê o rosto feio das mulatas, com seu nariz largo, lábios salientes e os cabelos alisados com gordura. Ficam nas janelas observando os recém-vindos. Não é de estranhar, pois não é só curiosidade, mas também a preferência das mulatas, negras e brasileiras pelos jovens alemães.

Mostraram muito interesse quando viram entre os jovens muitos com vistosas barbas. Por uma bonita e bem tratada barba uma jovem e rica brasileira pode facilmente se apaixonar. É fácil, por isto, esclarecer como um rapaz feio e insignificante facilmente consegue uma rica brasileira. Nós não ficamos muito entusias-

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

mados com as feias flores locais. Foi então que sentimos a falta das delicadas flores da Alemanha.

As belezas das brasileiras são notadas por seus belos olhos, sua expressão delicada e acentuado pelo olhar feroso, que se encontra nos gatos, que no entanto, até agora ainda não encontrei.

No entanto, já vi lindas brasileiras, cultas e educadas, mas mesmo assim os alemães procuram não aproximar-se delas. Suas roupas são geralmente descuidadas e com nódoas de gordura e outras coisas. Sapatos e meias não usam, como também o cabelo é mal cuidado. Como consideram uma vergonha olharem-se no espelho e não usam pomadas, podem imaginar facilmente que seus trajes se parecem com os da Cinderela.

Em volta do pescoço é enrolado um simples pano. A cabeça descoberta, nada de pulseiras,

anéis ou colares. São verdadeiras criaturas da natureza, como talvez também sejam os hottentoten.

Quando vão ao baile, o que acontece freqüentemente, caem num terrível fandango acompanhado de horríveis canções. É um verdadeiro caos de andança pelo salão, acompanhado por um violino de três cordas e uma cítara de som assustador. Mesmo assim os brasileiros estão tão entusiasmados, que este divertimento dura, às vezes, 8 a 10 noites e cada terceira dança vira um terrível fandango. Mas agora querida Marie, o papel acabou. Como queria escrever uma carta bem extensiva, você encontrará na carta de Emilia mais complementos.

Por hoje receba meu abraço, dê lembranças a todos que por mim perguntarem.

Abraços de seu irmão

Julius

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

80 anos de Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau

Frederico Kilian

Por iniciativa do Pastor Mummelthey e sua esposa Mildred, outrora enfermeira da Cruz Vermelha Inglesa, foi fundada a 2 de setembro de 1907 a Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau, em uma assembléia de 15 senhoras evangélicas. A ata de fundação foi assinada pelas seguintes senhoras, pertencentes à Comunidade Evangélica de Blumenau, a saber: senhoras Caroline Probst, Nanny Kegel (Poethig), Johanna Hering, Maria Haertel, Elise Steinbach, Charlotte Hering,

Auguste Schrader, Wanda Blohm, Hedwig Rischbieter, Appolonia Scheffer, Hedwig Kuenzer, Agnes Sachtleben, Mildred Mummelthey e Elsbeth Koehler. Destas fundadoras foram eleitas, para comporem a primeira diretoria da Sociedade a senhora Pastor Mummelthey; sra. Elsbeth Koehler; sra. Nanny Kegel (Poethig); sra. Wanda Blohm e sra. Edwig Kuenzer. No mesmo ano de 1907 inscreveram-se mais 7 senhoras, eram estas as senhoras Gertrud Gross, Hedwig Hering, Margarete

Mueller-Hering, Helene Altenburg, Berta Odebrecht e Berta Brandes.

Os fins principais da nova sociedade eram o de dar assistência aos doentes e aos pobres. Porém, logo após sua atividade e atenção voltou-se também ao amparo das parturientes e dos recém-nascidos, pois aumentavam-se àquela época os casos de óbitos de jovens mães no puerpério, por falta de assistência e tratamento após o parto. A Sociedade tratou então de conseguir da Sociedade de Diaconisas de Zehlendorf, Alemanha, duas irmãs diaconisas, as quais chegaram em 1909, porém nenhuma delas era parteira formada. Desta forma as duas irmãs enfermeiras começaram a trabalhar então no hospital no bairro da Vorstadt. Com novos contatos, desta vez com a Sociedade Alemã de Assistência à Mulher no Estrangeiro (Frauenhilfe fürs Ausland) de Wittenberg, Alemanha, conseguiu a Diretoria da Sociedade a vinda das irmãs parteiras Gertrud Vogt e Lina Jaguschka. Esta ficou pouco tempo e foi substituída pela irmã Johanna Müller. Instalaram-se numa pequena casa na Alameda Rio Branco, iniciando então as irmãs sua obra no atendimento das parturientes, nas suas próprias casas e as que moravam longe ou onde em seu lar não havia ideais condições para seu tratamento, eram as parturientes alojadas na modesta casa das irmãs. Com o tempo, porém, o número de pacientes aumentou e não era mais possível atender a todas na forma como era feito, parte em suas residências e uma outra no lar das

irmãs. Cogitou então a Diretoria em construir um prédio espaçoso e adequado para as irmãs e ao mesmo tempo para abrigar e internar as mães em espera do parto e atendimento delas e dos recém-nascidos na primeira semana após o nascimento da criança. Resolveu a Diretoria construir um lar para parturientes. Em 1920 a senhora Johanna Hering doou à Sociedade um terreno na Alameda Rio Branco que comprara da viúva Holetz. Neste terreno deveria ser construída a nova Casa da Maternidade e já em reunião da Diretoria de 1.º de março de 1922 foi definitivamente deliberada a construção da maternidade, sendo eleitos para membros da Comissão de Construção os senhores Max Hering e Leopoldo Hoeschl e a senhora Elsbeth Kochler. O projeto, elaborado pelo arquiteto, senhor Kaulich, foi aprovado em reunião de 27 de abril de 1922 e já a 7 de setembro de 1922, centenário de nossa independência política, foi assentada a pedra fundamental do novo prédio, inaugurando-se o mesmo a 30 de setembro de 1923 em ato solene, recebendo a denominação de "Johanna-Stift" em homenagem à senhora Johanna Hering que havia doado o terreno para o mesmo. Agora as irmãs podiam, neste novo prédio, atender de forma mais eficaz as parturientes, sem que tivessem que se deslocar para as residências destas, mas presente a qualquer momento na hora do parto e prestando constante assistência após o mesmo e os primeiros cuidados aos recém-nascidos, pois todo o atendimento

VOCÊ SABIA?

— Que a primeira criança blumenauense nasceu no ano de 1851 e que foi a menina Ida, filha do casal imigrante Friedenreich?

era feito na nova maternidade. — Em 1947 foi eleita nova diretoria composta das seguintes senhoras: — 1.^a Presidente: senhora Irmgard Hafner; 2.^a Presidente: Sra. Eva Schelling; 1.^a Tesoureira: Sra. Vera Stodieck; 2.^a Tesoureira: Sra. Hertha Neubarth; Secretária: Sra. Johanna Kaestner e Vogal: Sra. Emma Fey. A Senhora Elsbeth Koehler, que há mais de 40 anos vinha exercendo o cargo de Presidente, foi proclamada, por unanimidade, Presidente de Honra.

Dado o fato de que o prédio havia sido invadido periodicamente, na parte de baixo, por várias enchentes, cogitou a nova diretoria de o demolir e construir, no mesmo local outro, com piso mais elevado e ao todo mais espaçoso de forma que suas peças essenciais não sofressem as agruras e prejuízos das enchentes periódicas. Foi então apresentado o novo projeto, porém, ante as exposições objetivas por parte de uma sócia de larga visão, o mesmo foi impugnado, já que o local não era muito ideal para ali se construir a nova maternidade, não só por tratar-se de terreno facilmente atingido pelas enchentes, como também pelo barulho do trânsito cada vez mais intenso e a perspectiva de piorar. Foi então sugerido construir o novo prédio em local livre de enchente, não muito longe do centro, situado em zona calma e ar não poluído. Foi então sugerido que a nova maternidade fosse construída num terreno pertencente ao senhor Hacklaender e que agora fazia parte de um loteamento recentemente aberto pela firma Barok, com sede em São Paulo e cujo presidente era blumenauense

e certamente venderia o terreno por preço baixo, dado o fim a que se destinava. Consultada a direção daquela firma, esta prontamente atendeu ao apelo da Sociedade e por um preço simbólico foi a área necessária transferida para a Sociedade Evangélica de Senhoras, ao mesmo tempo em que a mesma imobiliária, a título de colaboração, mandava executar, às suas expensas a terraplanagem necessária para receber a construção. Igualmente a direção da imobiliária mandara elaborar uma planta e projeto segundo as prescrições vigentes em São Paulo, para prédios de maternidade, atendendo aos padrões estabelecidas às localidades correspondentes a Blumenau. Aceito o projeto, foi dado logo início à construção do novo prédio, que a 16 de setembro de 1951 foi inaugurado e recebeu então o nome de "Maternidade Elsbeth Koehler" em homenagem e justo reconhecimento dos méritos da ex-presidente da Sociedade.

Os primeiros anos não foram fáceis, faltava ainda muitas coisas para equipar a maternidade completamente. Em 1957 foi anexada uma ala para poder internar bebês doentes, desenvolvendo-se ali um pequeno hospital infantil. Dez anos depois, em 1967, foi concluído um novo anexo, para formar um grande quarto para os armários esterilizadores e um recinto com chuveiros e pias para os médicos que trabalhavam na maternidade. Além disso um terraco foi ampliado e coberto com telhado. Graças a uma doação da "Ajuda Alemã para o Desenvolvimento" a sala das operações pôde ser renovada, isto é: uma moderna mesa operatória com lâmpada

especial e vários instrumentos puderam ser adquiridos, além de alguns aparelhos, como fogão grande e diversos objetos domésticos. Em 1968 foi concluído mais um importante anexo ao edifício. Na assim chamada sala do parto foram anexadas mais duas salas de parto com todas as instalações modernas e com as necessárias dependências prescritas, além disso ainda um apartamento para uma parteira e um apartamento com duas camas especiais. No ano de 1969 um forte temporal causou grandes estragos. Nos anos de 1970/71 foram construídas duas garagens e uma capela mortuária. Mas mesmo com estes melhoramentos sempre apareciam novas disposições e exigências por parte dos órgãos governamentais que importavam em elevados investimentos enquanto que os preços fixados e pagos pelo INAMPS, estes ainda com muito atraso, não correspondiam mais a estes investimentos e custo dos serviços prestados. Desta forma a Diretoria se viu obrigada a procurar uma solução para resolver este problema. Assim foi assinado um convênio com o Hospital Santa Catarina, segundo o qual este se obrigaria a administrar e dirigir a Maternidade e fazer nela os melhoramentos necessários e novas aquisições de equipamento.

Em 1976 foi eleita uma nova diretoria e adotando estas novas idéias pediu de volta o prédio da maternidade para em seu lugar instalar ali um lar para pessoas idosas, ficando a secção da maternidade e hospital infantil a inteiro encargo do Hospital, para onde deveriam ser transferidas estas secções, fazendo a Sociedade doação ao Hospital de todos os

equipamentos e utensílios que as guardavam. A mudança destas secções, que passariam a integrar o Hospital, para o prédio desta à rua Amazonas e a sua desligação da Sociedade de Senhoras ocorreu em junho de 1981. Começaram então as modificações no prédio para adaptá-lo à sua nova finalidade. Conseguiu-se instalar no prédio 9 apartamentos confortáveis consistentes de ante-sala e quarto de dormir acarpetados com banheiro privativo, além disso 22 quartos singulares com banheiro e outros simples com banheiros coletivos, mais as necessárias dependências, como refeitório, sala-de-estar e de reuniões, biblioteca, espaçosa cozinha e demais instalações. A 27 de abril de 1982 o novo lar foi inaugurado, mudando sua denominação para "Lar Elsbeth Koehler".

Atualmente acham-se ali morando 32 internados, gozando do carinho e atendimento da Direção do Lar e dos atenciosos serviços dos auxiliares do estabelecimento. Continua, no entanto a Sociedade das Senhoras Evangélicas a prestar auxílio e assistência às pessoas e famílias carentes e em dificuldade.

Finalizo este relato com as palavras proferidas pelo pastor da Comunidade Evangélica, por ocasião da comemoração festiva dos 80 anos de existência da Sociedade Evangélica das Senhoras de Blumenau:

"Tal como um caleidoscópio com suas figuras multicoloridas, os oitenta anos passados nos proporcionaram um retrospecto sobre o trabalho, a coragem e a força motivadora das colaboradoras, que têm colocado e colocaram seu tempo e seu amor ao próximo à disposição da Sociedade Evan-

gética de Senhoras de Blumenau.

Oitenta anos é um tempo muito longo, trouxeram duas guerras mundiais, bem como enchentes e muitos outros contratempos, mas sempre de novo foi reconstruído e prosseguido com novo ânimo.

As senhoras têm sido a força motivadora no decorrer dos decênios, e assim a Maternidade foi transformada em um Lar para Idosos, no qual pessoas idosas e sozinhas encontram um lar, calor humano e aconchego.

Lembramos com muita gratidão todos que durante estes longos anos têm nos mostrado soli-

dários e nos têm apoiado nos momentos difíceis.

Agradecemos sobretudo ao nosso Criador e lhe rogamos de todo o coração para que nos anos vindouros estenda sua mão sobre nós e nos ampare como tem feito até agora. Com Deus ao nosso lado a obra da Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau prosperará e será ainda para muitos uma bênção.

“Por bons poderes maravilhosamente esperamos e confiantes o que guardados ainda há por vir — Deus está conosco — à noite e de dia e certamente em cada novo amanhecer.”

A Colônia particular Blumenau de 1850 a 1860

Valiosa contribuição histórica do cronista Theodor Lüder,
publicada nos n.ºs 20, 21 e 22, de setembro de 1930,
no jornal “Der Urwaldsbote”

Os primeiros meses depois da fundação da Colônia, isto é, da chegada dos primeiros imigrantes, passaram rapidamente com a instalação provisória de casas construídas com a madeira das caixas e malas trazidas por eles. O sentido prático e a necessidade, no entanto, prevaleceram. Logo apareceram as primeiras cabanas com folhas de palmeiras, para que estivessem abrigados das intempéries. As sementes trazidas da Alemanha foram semeadas em pedaços de terra preparados para este fim. O Dr. Blumenau tinha conseguido na Alemanha e no Rio de Janeiro, árvores

frutíferas e plantas ornamentais que cultivava com todo carinho. A estação do ano era especificamente favorável, porque no Brasil o inverno termina e a primavera começa a 21 de setembro.

Ao estudar bem a vizinhança comprada, o Dr. Blumenau verificou que a instalação de um centro de cidade se fazia necessário. Fixou o plano deste para a foz dos rios Garcia e Velha. O que favorecia mais seus planos era o Garcia; prestava-se para um porto fluvial. O grande rio Itajaí é navegável em toda a sua extensão até Itajaí, quando a água não estiver com o nível muito baixo.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

Revelando estas vantagens, o Dr. Blumenau, com a ajuda dos companheiros imigrantes, começou a construir um caminho na foz do Velha e Garcia. Iniciou a construção de um rancho maior para os imigrantes, assim como também uma casa administrativa. Algumas terras foram divididas para o uso público e cercadas.

Em fins de 1850, o Dr. Blumenau recebeu convite de alguns bons amigos do Rio de Janeiro, para que fosse assumir pessoalmente seus interesses que estavam bem encaminhados. Em princípios de 1851 ele seguiu para lá, entregando a direção da Colônia a seu sobrinho Reinhold Gaertner.

No Rio teve a honra de ser recebido por sua Majestade o Imperador do Brasil, assim como por outras pessoas ilustres, que dedicaram maior atenção ao seu plano colonizador: providenciaram que lhe fossem pagos os 10 contos de réis prometidos no ano anterior.

O Governo Provincial de Santa Catarina, autorizou em fins de 1850 que fossem concedidas ao Dr. Blumenau oito léguas quadradas, para serem anexadas às anteriores e que fossem colonizadas por imigrantes alemães.

Os privilégios obtidos também geraram inveja aqui e alguns empresários colonizadores começaram a hostilizar Dr. Blumenau. Isto o magoou muito, porém, não impediu que continuasse em seus projetos. Sentiu no entanto muito, um prejuízo material que o atingiu naquela época. Ele comprara no Rio de Janeiro uma moderna instalação para uma moenda de cana-de-açúcar, cilindros de ferro, uma centrífuga, aparelhagem de cobre para o preparo de

aguardente, assim como uma grande leva de preciosas mudas de árvores frutíferas, ferramentas, matéria-prima, mantimentos e oito colméias habitadas; o valor de toda a compra era de 3 contos. Como o Dr. Blumenau ainda tinha que permanecer no Rio, ele encarregou um conhecido que ia para Desterro, de cuidar das compras feitas e as embarcou num veleiro que vinha para Santa Catarina. O veleiro foi abordado por uma nave de guerra inglesa, sob a alegação de transportar escravos. Apesar de todos os protestos, foi rebocado por possíveis irregularidades nos papéis. A nave de guerra tomou curso para a Bahia. Chegando lá constatou-se que o comandante enlouquecera de êbrio e teve que ser internado num hospital por vários de seus oficiais. Mas o veleiro não foi liberado, e sim continuou a ser rebocado em direção à ilha de Santa Helena. Perto da ilha, o veleiro foi atingido por uma tempestade e afundou. Alguns tripulantes, seis passageiros, algumas plantas e duas colméias foram salvos. O Dr. Blumenau teve que esperar muito tempo até que seu conhecido pudesse entregar o que restara.

Mas uma infelicidade nunca vem sozinha! Em junho de 1851 o Dr. Blumenau recebeu a notícia da morte de sua mãe, com 76 anos, em Braunschweig.

No Rio de Janeiro, onde Dr. Blumenau já encontrava-se há quase 6 meses, deixou todas as tristezas e angústias para trás e voltou em julho de 1851 para sua Colônia. Era preciso vencer os obstáculos materiais. Sentiu voltar as suas energias e auxiliado pelos companheiros começou

outra vez os trabalhos.

Em 1851 vieram somente 8 imigrantes, dos quais no entanto só ficaram duas forças para o trabalho.

Para impulsionar os trabalhos das terras, caminhos, construções de casas, o fundador tomou à serviço antigos imigrantes, colonos práticos das colônias governamentais vizinhas, como: Belchior, Pocinhos, Gaspar e Itajaí. Estes, na sua maioria, vinham da anteriormente fundada Colônia São Pedro de Alcântara e que se transferiram para o Vale do Itajaí. Também colonos alemães e belgas forneciam produtos da terra, algumas cabeças de gado, plantas e sementes, como também auxiliavam com conselhos e trabalho manual na divisão da terra.

Em 11 de novembro de 1851, apareceram pela primeira vez os selvagens, nas imediações da Colônia, mas foram notados e afugentados sem que fizessem algum dano.

Em retrospectiva ao ano de 1851, ainda seja lembrado que a serraria construída pelo senhor Hackradt, foi no mês de março, totalmente destruída por uma enchente e que dois dos imigrantes de 1851, por descuido, pereceram afogações no rio.

Por fim o ano terminou, sem grande sucesso e sem imigrantes.

Mais favorável apresentou-se o ano de 1852 para o empreendimento do Dr. Blumenau. Um maior número de imigrantes ale-

mães veio, entre os quais Dr. Fritz e seu irmão August Müller, ambos casados; os mesmos chegaram em meados de agosto e declararam-se resolvidos a ficar.

No dia 28 de agosto de 1852, o Dr. Blumenau distribuiu para 10 famílias imigrantes, os primeiros lotes de terras como propriedade. Cada um com cerca de 30 hectares (120 morgen), tudo floresta virgem. Ao mesmo tempo o Dr. Fritz e August Müller adquiriram dois lotes de terras. Estes 12 terrenos no Vale do afluente Garcia, constituíam a base para a iniciação da agricultura da Colônia Blumenau e veio a ser festejado e comemorado como dia da fundação (28 de agosto) por muitos anos. Isto até que Dr. Blumenau, por ocasião dos preparativos dos 50 anos de fundação, designou o dia da chegada dos primeiros imigrantes como dia da fundação, isto é 2 de setembro de 1850.

No decorrer do ano de 1852, vieram 110 imigrantes alemães para a Colônia. Agora havia número de trabalhadores para preparar estradas e travessias de rios. Além da colonização do Vale do Garcia e do projetado centro da cidade, foi também iniciado um caminho na margem direita do rio Itajaí, acima do Velha até a grande água do Salto.

No dia 28 de dezembro de 1852, na parte da tarde, índios fizeram um assalto à colônia na foz do rio Velha (mais tarde terreno do arquiteto Krohberger).

VOCÊ SABIA?

— Que a primeira cervejaria instalada em Santa Catarina e que ainda existe ocorreu em Joinville, em 1924, a Cervejaria Catarinense, atualmente pertencente à Cervejaria Antártica? Que seus fundadores foram Tiede, Seybot & Cia.?

Foram afugentados pelos trabalhadores que encontravam-se ali, auxiliados por soldados estacionados em Belchior e Gaspar, designados para a proteção dos imigrantes. Aconteceu um rápido tiroteio no qual um índio foi morto e outro ferido, os quais os índios levaram na fuga.

A 17 de outubro de 1852, o Dr. Blumenau recebeu a visita do diretor G. W. Schröder e seu acompanhante Johann Otto Niemeyer, da Colônia Dona Francisca, fundada em 1851. Os visitantes ficaram três dias; visitaram interessados todas as instalações da ainda muito pequena Colônia.

No ano de 1853 chegaram apenas 28 imigrantes da Alemanha, entre os quais o senhor Hermann Wendeburg, o futuro vice-diretor (1864-1880). Mas em 1854 chegaram 146 imigrantes e no fim do ano a Colônia contava com 246 moradores; destes 14 crianças nascidas desde 1850.

Dos imigrantes desde 1850 (309), 67 abandonaram a Colônia e 10 pessoas faleceram.

O Dr. Blumenau foi incansável no trabalho para o futuro de seu projeto e pela segurança de seus ocupantes. Em 1854 viajou para o Rio de Janeiro e lá conseguiu um contrato, no qual o governo imperial lhe concedeu mais um auxílio financeiro e também a promessa de conseguir auxílio religioso e escolar, como também apoio na abertura de estradas e maior imigração. Em contrapartida, o Dr. Blumenau se comprometeu de, num espaço de 10 anos, elevar o número de imigrantes alemães para 4000, construir estradas, etc.

Apoiado no contrato, o Dr. Blumenau resolveu intensificar a

imigração e enviou seu sobrinho Reinhold Gaertner para a Alemanha, para pessoalmente fazer a propaganda e providenciar o embarque dos emigrantes. Para isto o Dr. Blumenau escreveu um livreto de propaganda sob o título: "Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catarina in Süden Brasiliens" (Colônia Alemã Blumenau na Província de Santa Catarina no sul do Brasil). O livro foi impresso na editora de G. Fröbel em Rudolfstadt e continha cito capitulos:

- 1) A Colônia Blumenau e seu desenvolvimento;
- 2) O Brasil e seus inimigos;
- 3) O progresso do Brasil nos últimos tempos;
- 4) A atenção do governo brasileiro no que se refere a colonização;
- 5) Contrato de Colonização do governo brasileiro com o autor;
- 6) Os estatutos da Colônia e as providências para o estímulo da estação colonizadora;
- 7) Indicações práticas para o imigrante a Blumenau;
- 8) Final e esclarecimentos ao mapa anexo do pequeno e grande rio Itajaí.

Os resultados do enviado Reinhold Gaertner, que começou em junho de 1855 e a publicação do livreto de propaganda, neste ano não tiveram efeitos. Estes só vieram no decorrer do ano, com 68 imigrantes da Alemanha. Mas em 1856 vieram 230 pessoas; em 1857, 199 pessoas, em 1858 só vieram 82 pessoas e em 1859 somente 29 pessoas.

Apesar da Colônia ter sofrido, em 1855, uma grande enchente que causou muitos estragos em plantações e nas casas, a direção

tinha cuidado carinhosamente do abrigo para os novos imigrantes. As famílias recém-vindas puderam logo tomar posse de suas terras.

Ao contrário, aumentavam as preocupações do proprietário. Os prejuízos da enchente foram grandes e o cofre estava vazio. Já em 1853, o Dr. Blumenau recebeu a visita de seu amigo Dr. médico Robert Avé Lallemand que desde 1838 estava estabelecido no Rio de Janeiro e conhecia bem as condições do país. Ele tomou conhecimento das dificuldades do empreendimento, a falta de capital e foi levantada a hipótese de passar a colônia particular às mãos do governo, como único meio de obter recursos e com a incumbência de sondar as possibilidades.

Dr. Blumenau dedicava-se de corpo e alma ao seu empreendimento. Relutou primeiro em transferir sua obra para as mãos do governo, mas finalmente resolveu apresentar uma oferta ao governo imperial para apreciação. Viajou em meados de 1859 para o Rio de Janeiro, a fim de apresentar pessoalmente todos os dados relativos à sua Colônia.

A apresentação dos documentos encontrou interesse e após submeter toda documentação à apreciação, o governo resolveu assumir a Colônia particular. Fixou uma soma de indenização de 120 contos de réis, oferecendo ao Dr. Blumenau, devido aos méritos, o cargo de diretor permanente. Dos 120 contos de réis, foram descontados 85 contos de réis que o Dr.

Blumenau recebera como empréstimo em 1851; assim o Dr. Blumenau recebeu um total de 35 contos. Das terras que o Dr. Blumenau comprara de particulares desde 1848, ele resolveu conservar algumas áreas para si, como na Foz do Garcia, Vale da Velha, Ponta Aguda, ao todo mais ou menos meia légua quadrada.

A Colônia particular em fins de 1859 contava com 744 moradores de origem alemã. A área da Colônia particular era de 23 3/4 de léguas quadradas.

O contrato assinado a 13 de janeiro de 1860 entre o governo Imperial e o Dr. Blumenau, continha o seguinte:

“No escritório da administração geral das terras do governo, em presença do Juiz de Paz do Estado e diretor geral, senhor Manoel Felizardo e Souza de Mello (sic.) e do fiscal interino, Joaquim Inácio Álvaro de Almeida, declara o Dr. Hermann Blumenau para si e seus herdeiros o reconhecimento das seguintes condições:

1) O Dr. Hermann Blumenau entrega ao Governo Imperial todas as terras que possui no Vale do Itajaí, cuja área é de aproximadamente 23 léguas quadradas, com exceção de uma e meia légua quadrada, localizada nos afluentes Garcia, Velha e Ponta Aguda.

2) O Governo Imperial assume as terras por 120 contos de réis, de cuja soma serão descontados 85 contos, dívida do Dr. Blumenau para com o governo.

3) Com a assinatura do pre-

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

sente contrato e o pagamento de 35 contos, desfazem-se todos os compromissos firmados anteriormente entre as duas partes.

4) Os juros anuais de 9% sobre as dívidas de terras adquiridas não podem ser ultrapassados.

5) O Governo toma posse da Colônia Blumenau, com o compromisso de zelar por seu desenvolvimento e progresso, nomeando o Dr. Hermann Blumenau, seu diretor permanente com um ordenado de 4 contos anuais.

6) O Governo Imperial garante a legalidade de todos os contratos de terras adquiridas pelos colonos, desde que estejam cultivadas.

7) Os contratantes desistem de qualquer embargo contra as cláusulas acima e outras exigências.

8) O contrato acima terá validade com autorização de sua Magestade Imperial.

Repartição Geral das Terras Públicas, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1860.

Ass: Manoel Felizardo de Souza Mello (sic.)
Joaquim Inácio Álvares de Andrade
Dr. Hermann Blumenau
Bernardo A. N. Azambujo".

O Dr. Blumenau, depois de ter feito todas as transações no Rio de Janeiro e ser nomeado diretor permanente da Colônia, regressou em 1860 para Blumenau.

Livre das pesadas dificuldades financeiras, enfrentou com nova energia a administração da Colônia. Apoiado e aprovado seu programa de desenvolvimento pelo Governo Imperial, tratou de pôr o mesmo em ação imediatamente.

Os primeiros funcionários da diretoria da Colônia nomeados e pagos foram: Hermann Wendenburg — contador; Johann Breithaupt — agrimensor; pastor Rudolf Hesse — eclesiástico evangélico; Dr. Bernhard Knoblauch — médico; Victor von Gilsa — professor da escola do governo; C. W. Friedenreich — delegado de polícia.

O cuidado religioso passou a ser exercido pelo vigário Gattone, do vizinho distrito de Gaspar.

(Traduzido por Edith S. Eimer)

— — — — —

Nota — A coleção completa do "Der Urwaldsboté" pertence ao Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau", no original e em microfilme.

Aconteceu...

Setembro de 1987

— DIA 1.º — Começaram a vigorar as mudanças no trânsito de Blumenau, principalmente com relação ao itinerário dos ônibus, em direção aos bairros da Velha, Itoupava e outros da zona norte e que passaram a utilizar a Avenida Presidente Castelo Branco — beira rio.

* *

— DIA 2 — Com uma festiva e bem elaborada programação, in-

clusivo o grande desfile das sociedades de atiradores, Blumenau comemorou a passagem dos seus 137 anos de fundação.

* *

— DIA 2 — A Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau registrou a passagem dos oitenta anos de sua fundação, tendo para isso elaborado vasto programa de solenidades que contaram com a participação de grande número de pessoas.

* *

— DIA 2 — Foi aberta, na saia nobre da Biblioteca "Dr. Fritz Müller", da Fundação "Casa Dr. Blumenau", a exposição mostra dos 137 anos de fundação de Blumenau, constando de centenas de fotografias de Blumenau do passado distante, algumas delas antecedentes ao atual século. A exposição foi grandemente visitada, e foi elaborada pelo Arquivo Histórico da Fundação.

* *

— DIA 4 — Teve início, no Mausoléu Dr. Blumenau, a 66.^a Exposição de Orquídeas e Plantas Ornamentais. Estiveram expostas 640 plantas, distribuídas em 43 categorias de orquídeas e uma de plantas ornamentais. A promoção foi do Clube de Orquidófilos de Blumenau, com o apoio da prefeitura municipal.

* *

— DIA 4 — Com um movimentado e concorrido baile, o Bela Vista Country Club festejou a passagem de seus 25 anos de fundação.

* *

— DIA 4 — O Serviço Municipal de Trânsito, no relatório apresentado ao prefeito Dalto dos Reis, registrou 297 acidentes durante o mês de agosto, vinte ocorrências a mais do que julho. Segundo o chefe do serviço, estes acidentes decorrem principalmente pela imprudência dos motoristas. De acordo com o relatório, naquele mesmo período, como resultado dos citados acidentes, registraram-se duas vítimas fatais e cinquenta e nove pessoas lesionadas. Estiveram envolvidos nos acidentes, 462 veículos e trinta motos, perfazendo a média de 9,5 acidentes por dia.

* *

— DIA 7 — Foi aberta, em Blumenau, a semana Villa-Lobos, com exposições, concertos e exibição de filmes sobre a vida e obra do compositor, como registro pela passagem do centenário de nascimento do saudoso maestro. A promoção foi do Departamento de Cultura da Prefeitura e Museu Villa-Lobos do Rio de Janeiro.

* *

— DIA 9 — Foi aberta na Galeria Municipal de Arte, a exposi-

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

ção do artista plástico Telomar Florêncio, com 38 trabalhos expostos.

* *

— DIA 11 — Após registrar excelente sucesso de participação do público, foi encerrada a Semana Villa-Lobos, promovida pela prefeitura municipal e o Museu Villa-Lobos, do Rio de Janeiro.

* *

— DIA 11 — Visando o desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas catarinenses, foi inaugurada, com o apoio da Federação das Associações de Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina e a Central de Abastecimento da mesma entidade no Vale do Itajaí, a CASA DO VALE — ATACADÃO.

* *

— DIA 14 — Promovido pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal e o apoio do Lions Clube "Dr. Blumenau", foram abertos os trabalhos do Seminário Blumenau Ano 2000.

* *

— DIA 14 — De acordo com o relatório apresentado pela Secretaria de Agricultura Municipal ao prefeito Dalto dos Reis, a Patrulha Mecanizada prestou serviços de campo e lavoura, durante o mês de agosto, a 467 propriedades rurais de pequeno e médio porte.

* *

— DIA 13 — Ana Moser, a jovem atleta blumenauense, integrando a equipe de voleibol juvenil do Brasil, em disputa do campeonato mundial na Coréia do Sul, sagrou-se campeã mundial, juntamente com a outra catarinense Simone Storn, de Brusque.

* *

— DIA 22 — Pelo trancurso de 16 anos de circulação do Jornal de Santa Catarina, a sua direção geral homenageou 14 funcionários e colaboradores, destacando-se entre eles o industrial Ingo Hering que há 11 anos colabora com editoriais.

* *

— DIA 25 — Comunicado da Assessoria Especial do Meio Ambiente informou que foi um sucesso a distribuição de mudas de árvores à população blumenauense, em regozijo pela passagem do dia da árvore. Assim, a Festa Anual das Árvores conseguiu colocar oito mil mudas de várias espécies somente nos três primeiros dias da campanha, em dois postos de distribuição.

* *

— DIA 27 — Com a presença de milhares de pessoas que lotaram quase que totalmente o local, foi inaugurado, pelo prefeito Dalto dos Reis, o "Biergarten" — Jardim da Cerveja —, instalado na Praça Hercílio Luz. Foi oferecido chopp gratuitamente aos presentes, tendo sido consumido, segundo informações, cerca de cinco mil litros durante aquele dia.

VOCÊ SABIA?

— Que no ano de 1925, Blumenau possuía apenas quatro fábricas têxteis (malhas de algodão e fiação), ocupando 470 operários de ambos os sexos? (jornal A CIDADE, edição de 16/01/1926).

Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo

Maria Batista Nercolini



Como parte do 7.º capítulo apresentamos: João da Silva Ribeiro e sua esposa Ismenia.



Hercílio Vieira do Amaral, quando foi homenageado na Assenbléia Legislativa.

8.º Capítulo

OS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS QUE PASSARAM NO MUNICÍPIO

Revolução de 1893

O Marechal Floriano Peixoto, Vice-Presidente da República, empossado presidente pela renúncia do Presidente Marechal Deodoro da Fonseca em 1891, demonstrava querer completar o man-

dato sem convocar eleições, preocupando a população ao passar à imagem de ditador.

Juntou-se esses acontecimentos à renúncia de Julio de Castilhos no Governo gaúcho e que, com sua volta ao

podem, pelas eleições, explodiu o movimento revolucionário em 02.02.1891 no Rio Grande do Sul, chamado de Revolução Federalista.

Os chefes: Gaspar da Silveira Martins, o Cel. Luiz Leite de Oliveira Salgado, Jaques Ouriques, Barros Cassal, o Cel. João Nunes da Silveira Tavares, José Serafin de Castilhos, (Juca Tigre) aos quais juntaram-se os orientais, como os irmãos Gumercindo e Aparício Saraiva.

O movimento, a princípio, foi simpático em nosso Estado, tanto no litoral como no planalto.

A Guarda Nacional de Santa Catarina foi entregue a Germano Wendhausen e o comando ao Cel. Laurentino Pinto Filho.

No Planalto, era comandada pelo Pte. João Napuceno da Costa, de Lages que com outros municípios formava o Batalhão Libertador com o nome de Fernando Machado.

Os gaúchos, ao que parece, lutavam pelo fim do ditador: tomar o poder em seu Estado e a separação dos três Estados Sulinos.

A luta acirrada levou a muitos combates como na heróica Lapa, impedindo o avanço dos rebeldes a São Paulo e Rio de Janeiro.

No Oeste, a perseguição do Cel. Bornmann, sob o comando de Antonio Prestes Guimarães, rechaçava os revoltosos, e assim os federalistas ou maragatos invadiram o Município de São Joaquim, perseguidos pela Divisão Norte, comandada pelo General Lima e Pinheiro Machado. Eram os legalistas ou pica-paus, que entraram pelo Rio das Pelotas. O resultado desse movimento foi gerar ódio, vingança banhando com sangue e tirando a vida de muitos, talvez até sem uma ideologia definida e que tiveram repercussão nos movimentos de 1923 e 1926.

A revolução foi vencida pelos Republicanos em 1895, devido ao apoio do Mal. Floriano Peixoto, que consolidou o regime, culminando com a união da Pátria.

Santa Catarina, com a sua Capital Nossa Senhora do Desterro, passou, em 1894, à denominação de Florianópolis, em homenagem ao Mal. Floriano, até hoje repudiada por muitos, devido aos horrores praticados naquela revolução.

Vimos na Revolução Federalista que um dos objetivos dos gaúchos era combater a longa permanência de Borges de Medeiros no governo.

Assis Brasil, candidato derrotado pelo seu opositor o mesmo Borges de Medeiros, alegando apuração fraudulenta no pleito junto às forças de oposição integrada pelos federalistas, se insurgiu, em vários pontos do território gaúcho, dando oportunidade ao aparecimento de caudilhos como: Leonel Rocha, Honório Lemos, Zeca Neto, Firmino de Paulo e outros. Invadiram nosso Município, após o combate no Rio das Contas, limite entre São Joaquim e Rio Grande do Sul, onde tomou o Intendente de Bom Jesus Antonio Inácio Velho. Era o dia 1.º de outubro. O General Portinho acampou na Fazenda de Tijucas, onde foi visitado pelo Padre Ernesto Schutz, conforme narração em seu livro "Recordações de uma Revolução — 1926-1927".

"Lembro-me ainda, quando, em 1923, o general Portinho se retirou da batalha do rio das Contas para o nosso Município. Fui imediatamente ao seu acampamento na fazenda das Tijucas, encontrei o general com dois soldados na passagem do rio Montequeira; além o coronel Fabricio e outros dois com 800 revoltosos marcharam em direção ao rio Capivaras. Por esta ocasião pedi aos revoltosos que não fizessem injustiça à pessoa alguma sem motivo, que não roubassem e que respeitassem a honra das famílias. Prometeram e observaram. Entraram aqui sem alarde e com toda prudência; pagaram o que compraram, jogaram football com a juventude de São Joaquim, fizeram visitas às famílias, assistiram a casamentos e se tornaram simpáticos ao povo."

Em 1926, continuaram os movimentos no Rio Grande do Sul. São Joaquim foi novamente invadida pelas forças revolucionárias chefiada pelo caudilho Leonel Rocha.

"Segundo livro Padre Ernesto":

"Na tarde do mesmo dia benze-mos o nosso sino grande da matriz. A música acompanhou a multidão, e no meio de nós, observamos dois homens que pareceram ser estranhos ao nosso lugar. Eram espiões de Leonel,

que voltaram em silêncio para o general, avisando-lhe que a cidade de São Joaquim estava em festa e não havia preparativo algum contra ele. À meia-noite tocou o sino magestosamente, à hora de grande calma. Falei na missa do galo, ao povo, da glória de Deus nas alturas e como ele mesmo trouxe a paz tão desejada a todos os homens de boa vontade. Assegurei também aos meus paroqueanos, então muito receosos, da vinda dos revoltosos; que ficaria sempre ao lado da minha gente e, como vigário, opor-me-ia à qualquer crueldade. Depois da missa, os fiéis foram beijar o Menino Deus, que estendia as suas mãozinhas, como querendo abraçar a todos; e as meninas cantaram ao som da música: Noite feliz, noite feliz, ó Senhor, Deus d'amor, pobrezinho nasceu em Belém, eis na lapa Jesus, nosso bem; dorme em paz, ó Jesus, dorme em paz, ó Jesus!

Nós enganamo-nos muito, pensando que Leonel Rocha marchasse diretamente ao Rio Grande do Sul.

Sábado era dia de Natal, e na noite deste dia principiámos, com terço, a festa de S. Joaquim, que ia se realizar no outro dia, um domingo. Iluminei a igreja com todas as velas. Na torre estreita do pobre templo, ressoa o sino. Cheia de gente, a casa de Deus, todos sentados em completo silêncio; cada um está atento às melodiosas pancadas; e eu estou esperando o meu festeiro, o sr. Hilário Tomaz com a sua esposa, com bandeiras, mais comitiva e a música. Nada de festeiro; nem um som de instrumento! Espero ainda, e as velas já estão quase gastas, quando o sargento Luiz entrou na igreja e me disse; — Padre vigário, os revoltosos estão perto daqui!

Ouvindo o povo esta palavra, deu-se um alarme. Os homens saíram imediatamente; ouvi ataque nervoso, porém, as senhoras quase todas ficaram; talvez pensaram elas que estavam mais seguras dentro da casa de Deus, do que fora. Fui no meio do povo e com uma superioridade de vistas, que o

momento me inspirou, impuz silêncio, pedi a todos que não mostrassem hostilidade nem ao seu próximo, nem aos revoltosos, que ficassem quietos, lembrando a passagem pacífica dos revolucionários em 1923 nesta cidade. Rezamos um terço simples, perante o presépio e todos voltaram para casa. Ninguém acendeu luz, todos ficaram na cozinha ao redor do fogo. Profundíssimo silêncio reinou sobre a cidade. Alguns fugiram, calculando: "Deus é grande, porém, o mato é maior. . ."

No dia seguinte, 26, um domingo, entraram os revoltosos em São Joaquim, às 5 horas da manhã. Leonel Rocha vinha na frente de sua gente. Era ele um homem de estatura pouco elevada, de bom corpo, cor morena, no meu pensar, tinha uns 65 anos; estava com aspecto sério, a cavalo. Só uma vez fez transparecer um leve sorriso ao redor dos seus lábios. Revolucionário, de 1893, 1923 e 1926. Vestido de cáqui. Todos tinham no chapéu o distico "Liberdade", e no pescoço o lenço vermelho. Eram uns 180 homens. Logo cortaram o fio do telégrafo, perante à casa de negócio da D.^a Thereza, desmontaram o aparelho na estação e disseram ao telegrafista Aristides, que este podia descansar. Examinaram a correspondência e acharam os telegramas do sr. Boanerges P. de Medeiros, então eleito novo superintendente daqui, que devia tomar posse logo no principio do ano novo. Nesta correspondência o sr. Boanerges pediu ao governo em Florianópolis instantaneamente providências contra os revoltosos, e Leonel Rocha achou o procedimento de Boanerges digno de pena de morte, mas não lhe fizeram mal. Ao mesmo tempo correram os revoltosos nas duas coletorias, estadual e federal, a fim de apoderarem-se do dinheiro do governo; porém, os dois empregados, Gasparino Dutra e Juvenal Mattos, tinham fugido com o mesmo, o que os revolucionários sentiam muito, como se fosse arte de bruxaria do diabo, não, feitiço contra o feitiçeiro, pois esses 15 contos, diziam,

VOCÊ SABIA?

— Que o primeiro jornal em lingua alemã, editado em Indaial, surgiu em janeiro de 1926 e que se intitulava "Landwirtschaftliche Zeitung"? Seu fundador foi C. W. S. Grothe.

serviriam para as suas compras nas vendas, restituindo-se assim o tal "tributo" como ato brilhante de eterno louvor. Na gaveta de Gasparino, acharam só uma corrente de ouro de relógio, e a entregaram à senhora dele, dizendo: — Nós não viemos para roubar, somos gente séria, — e pediram à mesma senhora, visto estar chorando, que não se incomodasse.

Leonel Rocha visitou ao coronel Cezário Amarante, naquele dia, ainda superintendente do nosso Município, e lhe garantia a paz e a ordem na praça. A calma e a boa índole do povo joaquinense, o seu caráter inofensivo e refletido, o que provém dos seus antepassados, influiu muito para a ocupação pacífica do lugar. Leonel Rocha conhecia esta calma estóica do nosso povo serrano."

Combate no Morro do Cedro São João, devido ao evento hoje conhecido como "Morro do Combate". (O terreno hoje, pertence ao Dr. Luiz Marcos Cruz, casado com dona Rosiani Arruda neta de Manoel Pinto de Arruda).

"O comandante E. Paim chegou com a sua gente em São Joaquim no dia 2 de janeiro, às 9 horas da manhã. Em sua passagem inesperada aqui toquei em homenagem o segundo sinal da missa conventual do povo. Era num domingo. Coronel Paim visitou ao coronel Cezário e ao comandante das forças daqui. A este pediu auxílio em munição, que não recebeu, e bivacou à pouca distância da praça no campo. Após poucas horas de descanso, saiu ele no mesmo dia, tomando direção ao Cedro.

Leonel, vagando entre as matas fechadas da Costa dos Pintos e Pereira, onde estavam escondidos mais de 4.000 animais, e o campo mais aberto, sem prestar atenção indispensável ao movimento do seu inimigo, estava na altura da moradia do fazendeiro Manoel Arruda, avistando-se perto o Chimarrão à direita, e no flanco esquerdo tinha ele uns bombeiros à distância de meia hora, perto da venda de Pedro Pinto. Aproximou-se o primeiro piquete do coronel Paim, em que os bombeiros de Leonel fizeram diretamente fogo e retiraram-se a galope para a sua força. Era dia 3 de janeiro. Leonel dirigiu imediatamente o seu comboio e a sua gente em direção ao lado direito do Chimarrão, contra a

Costa, enquanto Paim deu uma volta e pulou com a sua força montada, como um leão, ao lado esquerdo do Chimarrão, no planalto entre este morro e o da Mangueira. Neste mesmo momento apareceu primeiro o comboio de Leonel. Era o cap. Luciano, da gente de Paim, que com destreza admirável derrubou uma cerca de arame, e com coragem extraordinária tirou o comboio, onde estava também o arquivo de Leonel, e o levou para cima atrás do planalto. Ao mesmo tempo desenvolveram-se rapidamente os dois contendores. Leonel ocupou a ponta do mato, a lomba da casa e a taipa adiante até no pinheiro do Itaimbé com a ala esquerda, ele mesmo defendeu o seu centro pela taipa do alto pinheiro até na porteira, em mato baixo de pedra, e teve a ala direita, aquém do resto da porteira em cima de lombas. E isto executou-se entre os revoltosos tão ligeiro, como se todos fossem inspirados ao mesmo tempo por uma mesma idéia. Já falei da destreza prática desta gente em outro ponto. Paim estava dirigindo seus homens de cima do planalto para baixo contra a grande taipa ocupada por Leonel, devendo eles, passar em um terreno mais aberto. Era um fogo medonho infundindo terror às famílias vizinhas, que já se haviam escondido no mato. Era uma hora da tarde e choveu um pouco. Logo ao principio do combate, o major Bins avançou encoberto com uma parte de sua gente debaixo do vassoural até a base do Chimarrão neste lado e aí rompeu fogo sobre o flanco direito de Paim. Era um ato de arrojo, e se o major tivesse tomado a altura do morro, teria causado um momento crítico para Paim, o qual mandou logo o tenente Christiano ocupar a altura, e este daí varreu à bala todo o vassoural. Durou o combate mais de duas horas. Finalmente principiaram os homens de Leonel a declinar na resistência, não obstante o general havê-los encorajado, e, diminuindo a munição, deu ele ordem à sua gente de se retirar, o que se realizou, me deixe dizer, no mesmo tempo, em que o demo esfrega um olho.

Também Paim sentiu quase falta de munições e as que ele tirou de Leonel em nada aproveitaram, porque eram de calibre diferente ou de armamento pequeno.

Não morreu ninguém neste combate. Só um oficial de Paim que dirigia uma metralhadora, recebeu uma bala no rosto. E caíram três animais na porteira, onde Leonel tinha passado primeiro.

O leitor se admirará, talvez, por não ter morrido ninguém neste combate. O avanço e assalto de um ou de outro lado dos contendores depende do terreno, da gente mesmo e de outras circunstâncias. Admiro a tática do coronel Paim; ele atraiu o seu adversário e patrício ao lado, e o desbaratou. Experimentei o tiro de fuzis usados naquele combate; este armamento deixou muito a desejar; disseram-me também que muitos não atiraram nos seus "irmãos", porém, no ar.

Leonel desceu no mesmo dia ainda pela serra de Anthero Mineiro ao rio Canoas."

1926

MORTE DE MANOEL PATRÍCIO

"Paim não perseguiu o inimigo e marchou diretamente com sua gente a São Joaquim, onde tinham chegado uns 200 homens da força policial no dia 30 de dezembro, 4 dias depois de haverem saído os revoltosos da praça.

Leonel Rocha disse naquela tarde, depois do combate, à sua gente! Tivemos sorte, amigos. O ano novo será favorável à nós. Paim foi-se embora. Era um trabalho, hoje, para burro e não tive tempo de me coçar. — O general resolveu marchar com os seus homens a Urubicy debaixo da Serra, voltar a Campos Novos e de lá seguir a direção para o Rio Grande do Sul.

No dia 2 de janeiro Urubicy mandou dois paisanos armados ao caminho que vai para a Serra, e chegando eles em cima do Mundo Novo para espionar, encontraram lá um revoltoso, Marciano, que rebanhou animais nas Vacas Gordas. Prenderam e levaram-o para Urubicy. No mesmo dia ficou o grosso da força de Leonel nas margens do Labatu, perto da casa de Amâncio Rodriguez. Lá avistaram os revoltosos, de repente, dois homens em cima de um morro, perto da casa de Caetano Antunes Souza. Foram dois soldados em reconhecimento em direção à casa. Logo um daqueles homens, que estavam a cavale em cima do morro, deu sinal aos soldados, que chegassem.

Imediatamente morreu ele, fuzilado; era o fazendeiro Manoel Melchiades, o companheiro era Firmino Nunes, cunhado dele. É verdade que Manoel Patrício, nome vulgar do fuzilado, tinha procurado o acampamento de Paim, que passou lá antes de Leonel, dando sal e farinha, e escondeu na sua fazenda uns 200 animais da sua gente do Arvoredo, porém, o motivo da sua morte consistiu em que ele esteve naquela hora bombeando, e os revoltosos cismaram serem espíões os dois. Como atiraram pelo mesmo motivo em Locio, que ainda escapou? É esta a minha opinião. Sendo o cunhado levado ao acampamento, o general quis restituir-lhe o cavalo do morto, o que o companheiro não aceitou e foi despachado para providenciar sobre o enterro do homem.

No mesmo dia passaram os revoltosos a casa de Manoel Patrício. Nessa ocasião saiu a viúva da casa, chorando, com os seus filhinhos. Leonel apeou-se, dando os seus pêsames, dizendo que não foi por sua ordem, e ofereceu uma nota de 500\$000, que a senhora não aceitou."

1930

Após esses movimentos nova mentalidade exigia reformas sociais e mudanças de estrutura. Foi nesse clima que surgiu Getúlio Vargas, que fora Presidente do Estado em 1928, apoiado por Antonio Carlos, de Minas Gerais, João Pessoa, na Paraíba, em favor da candidatura Vargas à sucessão de Washington Luís.

A vitória do opositor Julio Prestes, num ambiente de opressão e fraude, descontentou a opinião pública, levando-a prestigiar a liderança de Vargas com o nome de Aliança Liberal que articulou a revolução, explodindo a 3 de outubro de 1930 e imediatamente vitoriosa.

As forças revolucionárias também entraram no Município pelo passo do Rio Pelotas e estiveram por poucos dias aquartelados onde hoje é a Casa de Formação, na época Casa Paroquial, onde funcionava o Grupo Escolar Professor Manoel Cruz. Era um dos comandantes das forças, Juvedino Santana de Bom Jesus, onde mais tarde foi Prefeito.

Nestas rápidas pinceladas de movimentos revolucionários que muito ficou a contar, quisemos levar ao leitor um pouco dessa história.

Antigas tradições de festas de casamento

Pe. Antônio Francisco Bohn

Nossos antepassados, sempre souberam cultivar os momentos de alegria. As festas, para todas as ocasiões, mantêm as características de aproximar famílias, reunir a comunidade, criar laços de amizade. Dentre estas, as festas de casamento estiveram, principalmente entre os descendentes de alemães e, em muitos lugares de nossa região, estão cercadas de muitas tradições.

Em Pomerode, costumeiramente chamada a cidade mais alemã do Brasil, encontram-se muitas ocasiões para presenciar ao vivo, em algumas festas de casamento o que dissemos anteriormente. Essas festas, normalmente são muito bem preparadas e com bastante antecedência. As sextas-feiras à noite, verifica-se o tradicional "quebra-caco", onde se reúnem os noivos, testemunhas, parentes e amigos da noiva ou noivo. Nestas ocasiões, é servida a "schwatzauer" ou sopa amarga. Nesse ambiente festivo, as testemunhas apresentam seus "falsos presentes", quase sempre pedaços de louça que são quebrados diante dos noivos. Caberá a estes, varrer toda a sala, sucessivas vezes, pois os convidados se encarregam de espalhar com os pés os pedaços de louça.

Mas, sem dúvida, é após a cerimônia religiosa, que se inicia a grande festa: geralmente muitos convidados, comida e bebida à vontade, realizados em espaçosos salões, animados por boas bandinhas de música. Só no município são 11 bandas e bandinhas existentes. Durante a festa é que encontramos aqui e acolá, algumas antigas tradições:

1. **Homenagem em forma poética:** quando os noivos e testemunhas chegam em casa ou no salão, depois da cerimônia religiosa, uma das testemunhas do casamento presta uma homenagem aos noivos através de uma poesia em língua alemã.

2. **Homenagem aos que trabalham na cozinha:** Antes que os noivos dançam a sua valsa, eles preparam uma homenagem às pessoas que trabalharam na cozinha, providenciando o necessário. Trazendo nas mãos a foice, ossos, rodo de forno, panelas, objetos de metal, batendo tampas de panela, entram na pista de dança os homens e mulheres que trabalharam na cozinha e alegam ainda mais o ambiente.

3. **Homenagem com símbolos:** Em muitos casamentos, alguém declama uma poesia para os noivos, antes das 24 horas. A poesia, costumeiramente faz alusão a algum aspecto ligado à vida matrimonial. A pessoa que vai declamar a poesia, usa uma máscara que a torna irreconhecível, e pode ser tanto um dos parentes, quanto uma das tes-

temunhas. Trazendo nas mãos um dos símbolos a que se refere a poesia, faz assim sua homenagem aos noivos. Se for uma boneca, significa uma criança. Um armário, refere-se ao móvel para guardar a roupa dos filhos que virão; um carro, para levar a esposa e filhos a passear. Ao final da homenagem, a pessoa desmascara-se e dança uma valsa com um dos recém-casados.

4. **Em cima do forno:** Acontece quando numa família há muitos filhos. Se um dos mais novos se casa, todos os que são mais velhos do que este, vão para o forno. Como nas sociedades existem grandes fornos para assar pães e doces, os amigos, testemunhas e convidados colocam os filhos mais velhos sobre o forno, pintam-nos de preto com as cinzas. Vez por outra, em seguida procede-se ao banho de cerveja ou chopp. Seria como que uma espécie de "castigo", pelo fato de um irmão mais novo ter "enfrentado" um irmão mais velho, casando-se antes.

5. **Jogar o buquê de flores:** Geralmente acontece antes das 24 horas. Formando uma roda, dançam, a noiva e as moças que ainda não casaram. A um dado momento, a noiva joga o buquê de flores que tem nas mãos para trás. Aquela moça que o apanhar será a próxima a casar-se. Em seguida, o noivo tira o véu da cabeça daquela com quem se casou. Esse gesto significa que a sua companheira, passa agora da condição simplesmente de noiva e torna-se uma senhora.

6. **Corte da gravata:** Normalmente não existe um horário determinado para o corte. Em muitos lugares, acontece depois da meia-noite. Trata-se de uma tradição, na qual as testemunhas do noivo tomam a gravata e começam a cortá-la em pequenos pedaços e distribuí-los aos presentes. Estes, em troca, fazem uma oferta em dinheiro. Esta coleta, posteriormente é oferecida aos noivos, e destina-se às despesas da lua-de-mel ou uma ajuda financeira dos presentes aos recém-casados para que iniciem um pouco melhor a vida a dois.

7. **Dança da vassoura:** Ao final da festa, já quase ao amanhecer, realiza-se a dança da vassoura. Um homem toma a vassoura, dá 3 batidas no chão, estando perto de um casal que está dançando. Ao encerrar as batidas, toma para dançar a esposa de um outro. Aquele que fica sem sua companheira deve tomar a vassoura e realizar o mesmo gesto de dar as três batidas e tomar, por sua vez, uma companheira de dança para si. E assim, sucessivamente.

Normalmente, os casamentos amanhecem. Depois da refeição propriamente dita, um pouco mais tarde serve-se o café: uma infinidade de qualidades de doces. Todos se animam com a dança quase até o amanhecer. Serve-se o café na manhã e todos retornam para suas casas para o merecido repouso.

VOCE SABIA?

— Que a ponte "Hercílio Luz", que liga Florianópolis ao continente, foi inaugurada dia 13 de maio de 1926?

cadi", folha literária publicada na cidade de Mafra e contendo boas matérias, em prosa e verso; o Jornal "Folha de Rodeio", ressaltando com muita justiça o trabalho do pesquisador Prof. José E. Finardi e o destaque que sua obra vem obtendo no País e no Exterior; o pronunciamento do escritor Theobaldo Costa Jamundá, na ACL, sobre Diniz Júnior e sua atividade literária e cultural, também publicado em plaqueta distribuída aos interessados; a solenidade realizada pela ACL e pelo IHGSC alusiva aos 30 anos do manifesto de lançamento do "Grupo Litoral", ocasião em que o advogado Paschoal Apóstolo Pitsica pronunciou palestra contendo importantes depoimentos sobre sua participação naquele movimento; o cerimonial de lançamento do "Grupo Cultural In Natura" e sua primeira publicação literária, sobre artes plásticas, teatro e música, na cidade de São Bento do Sul; a circulação do Boletim "Galope Poético", em sua edição n.º 23, e da sanfona "Encontros — 2", ambos do poeta joinvilense Jurandir Schmidt.



Nas artes plásticas o período foi também movimentado, realçando-se a exposição de pintura de Celso Coppio, bem como a exposição de gravuras em metal de Leonor Fini, ambas na Galeria Açu-Açu, em Blumenau, quando as poetisas Eulália Maria Radtke e Apolônia Gastaldi autografaram obras poéticas; a exposição de aquarelas de Élio Hahneemann, nos salões do Teatro Carlos Gomes, com grande sucesso de público e de venda; as exposições de painéis em madeira de Silvana Pujol e de pintura de Roy Kellermann, ambas na cidade de Pomerode, em promoções da Fundação Cultural daquela cidade, cujas realizações, desde sua recente fundação, têm sido consideráveis.



Para finalizar, faço uma ligeira observação a respeito do trabalho "O Aspecto Verbal na Literatura de Cordel", de autoria de José Gomes Neto, poeta e professor, atual Presidente da AESC. É um estudo volumoso e baseado em imensa pesquisa de campo e bibliográfica a respeito desse gênero de literatura que encontra tanto respaldo na alma popular. Com essa alentada tese o autor obteve o grau de mestre em letras, com opção linguística, junto à UFSC. Sobre esse trabalho voltarei em ocasião futura.

VOCÊ SABIA?

— Que no dia 16 de agosto de 1925, o Blumenauense F.C., promoveu um torneio de futebol para comemorar a passagem de seu quinto ano de fundação? Que participaram do torneio, além do anfitrião, os clubes União F.C., Brasil F.C., e S.C. Paysandu? Que os preços da entrada, para os jogos, foram 500 réis para damas e 1.000 réis para cavalheiros?

O perfil do pesquisador do Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Sueli M. V. Petry

Com a finalidade de estabelecer o perfil do pesquisador do AHJFS, organizou-se um levantamento tomando-se por base o livro de Registro de Consulentes.

A estatística que teve por período o mês de agosto de 1986 a junho de 1987 obteve os seguintes resultados. Frequentaram o Arquivo 208 pesquisadores.

Com base nos elementos estatísticos constatou-se que em relação à Área Pesquisada 37,30% dos consulentes procurou temas relacionados à História Regional, 15,94% sobre Genealogia, 14,18% assuntos diversos, 11,22% História Social, 9,13% Fotografia, 5,77% Arquitetura e 5,76% referente a cartografia. Este fato justifica-se pela própria constituição do acervo arquivístico.

Os elementos estatísticos revelam que os profissionais que se utilizam dos serviços do Arquivo "José Ferreira da Silva" neste período, são pertencentes a uma variada gama profissional. A presença do Jornalista está representada pelos 19,34% contra 32,83% de diversas outras classes profissionais (Engenheiro, Pastor, Biólogo, comerciante, tecelão, eletricitista, industriário, bancário, mecânico, economista, arquiteto, advogado e outros). A frequência de estudantes está representada por 18,11% contra 17,30% do Historiador e 12,42% foram professores.

As pesquisas com fins probatórios vêm demonstrar que o Arquivo tem uma função muito relevante na prestação de serviços à comunidade.

O Estudante, o Historiador e o Professor, fazem parte da clientela que se utiliza em escala maior em temas regionais com fins de atualização, conclusão de curso de extensão para 3.º grau.

Com relação às Instituições Educacionais, apenas 39,34% representam estas Instituições contra 60,66% que correspondem às mais diversas instituições que não estão vinculadas diretamente à área da Educação. Este quadro tende a se alterar para o ano, uma vez que com a inclusão do Curso de História em nossa cidade o acervo do arquivo beneficiará esta clientela.

VOCÊ SABIA?

— Que em julho de 1925, a Superintendência de Joinville autorizou o cidadão açougueiro Carlos Büchle a instalar um açougue na Estrada Guilherme, naquela comarca, para a matança de cavalos, cuja carne destinava-se ao fabrico de lingüiça?

II FOTOCHOPP foi sucesso

Vale a pena registrar, nesta edição de Blumenau em Cadernos, o sucesso alcançado pela SEGUNDA FOTOCHOPP — Exposição fotográfica alusiva à Oktoberfest/87. A exposição mostrou fotografias artísticas baseadas, em grande parte, nos motivos da tradição alemã, mostrando Blumenau, sob vários aspectos da vida comunitária e social.

A promoção foi da Prefeitura Municipal de Blumenau, através do Departamento de Cultura e do Foto Clube de Santa Catarina. Foram expostas,

durante os dezesseis dias em que esteve aberta a exposição, 160 fotografias que enfocaram com grande criatividade e originalidade, as tradições da comunidade blumenauense, as edificações em estilo típico europeu, a alegria da Oktoberfest, além de outros detalhes.

A exposição teve lugar na Galeria Municipal de Arte, que, durante os dezesseis dias em que esteve aberta, recebeu grande número de visitantes que superou as melhores expectativas dos promotores.

As ocorrências policiais durante a Oktoberfest

Segundo estatística divulgada pelo comando do 10.º Batalhão de Polícia Militar de Blumenau, referindo-se às ocorrências durante os dezessete dias do Festival do Chopp (Oktoberfest), a grande festa deste ano registrou um índice bem baixo de alterações, se comparado ao número de visitantes que compareceram aos pavilhões da PROEB. A estatística confirma 253 ocorrências durante aqueles dias do festival, que recebeu cerca de 900 mil visitantes. Segundo ainda a estatística, "o fato se deve principalmente à orga-

nização do evento, que teve à frente pessoas que desenvolveram um trabalho sério, fazendo com que os visitantes da Oktoberfest se sentissem na obrigação de seguir o exemplo de todo blumenauense, ou seja, se divertir sem provocar tumultos". A informação, finalmente, especifica que as 253 ocorrências durante a festa, se referem a furto de veículos, desordens, embriaguez, documentos achados, porte ilegal de arma, atropelamento, encontro de coisas perdidas, infração de trânsito, além de outras.

Ecologia em destaque

A Assessoria Especial do Meio Ambiente (AEMA), de Blumenau, foi distinguida, dia 7 do corrente mês de outubro, com um troféu instituído há alguns anos pela Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente (FATMA), pelo destaque na divulgação, no trabalho e na prática da defesa do meio ambiente e seu desenvolvimento.

O troféu ofertado à AEMA e mais onze homenageados, deve-se ao trabalho que estas instituições municipais, como é o caso da AEMA blumenauense, vêm desenvolvendo no sentido de

preservar uma série de medidas visando acompanhar o desenvolvimento da comunidade, sem prejudicar o meio ambiente natural, envolvendo, naturalmente, entre a defesa de pássaros, flores ou árvores, muito especialmente a implantação de novos loteamentos, desmembramentos, serviços de terraplenagens, etc.

A medida adotada pela FATMA serve de estímulo a todos quantos têm dedicado o melhor dos esforços para preservar tudo o que permita ao homem viver mais em contato com a natureza.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA